INCENTIVO À LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ENCOURAGING READING, STORYTELLING AND THE FORMATION OF TEACHERS: A EXPERIENCE REPORT

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues
Universidade Federal de Goiás, Ufg, Brasil
vanybraz@gmail.com

Resumo. O Grupo Gwaya-Contadores de Histórias tem uma trajetória de duas décadas de atuação no campo do incentivo à leitura por meio da Arte Cênica Essencial para Contar Histórias. No que se refere ao projeto dedicado à formação de professores, o Grupo Gwaya- Contadores de Histórias foca esta formação tendo o estudante, como centro de interesse nos diversos níveis e modalidades de ensino, para fortalecer o processo de identidade do professor que os atende, capacitando-o a interpretar criticamente o mundo, contextualizando e compreendendo a arte literária e nesse processo ser capaz de interpreta-la cenicamente. Verifica-se, assim, uma nítida descoberta da arte cênica essencial para contar histórias como campo de construção do conhecimento e como arte e cultura. Esta trajetória de trabalho com a formação de professores pode ser também demonstrada por meio de dados quantitativos apontados, pelo curso de formação de novos contadores de histórias, oferecido aos professores da Rede Pública Estadual de Ensino, no Estado de Goiás, avançando a análise destes dados para as questões qualitativas do trabalho do grupo.

Palavras-chave: Leitura; Formação; Arte Cênica.

Abstract. The Gwaya Storytellers Group has a two-decade trajectory in the field of encouraging reading through Essential Scenic Art for Storytelling. When it comes to the project dedicated to form teachers, the Gwaya Storytellers Group encourages the student, as the center of interest in the many levels of teaching, to strenghten the teacher's identity process, enabling them to critically interpret the world as well as to contextualize and understand the literary art and, in this process, enabling them to be scenically able to interpret it. Therefore, the essential scenic art for storytelling reveals itself as a fertile ground for art, culture and the construction of knowledge. This work trajectory regarding the formation of theachers can also be demonstrated through quantified data from the storyteller courses offered to the Public School teachers in the state of Goiás, which also enbale a qualitative analysis regarding the work issues of the group.

Keywords: reading, formation, scenic art.

Roland Barthes (in: Antunes & Rodrigues, 2007) afirma que *o homem é um animal narrador*. E essa faculdade de narrar precisa ser exercitada para que o ser humano seja um ente ativo de sua própria história:

> O mundo atual encontra-se repleto de "coisas que não vão bem" e isto, tem propiciado finais "não muito felizes", em muitas histórias. (...) A ausência da construção de valores e de consciências éticas desde a mais tenra idade, nos apontam a necessidade de incentivo aos projetos que levam á leitura de contos populares, contos de fadas e contos literários, de forma geral, nas buscas de "finais felizes" em nossa sociedade, pelo exercício da reflexão acerca dos fatos ali narrados.

Esse compartilhar de imaginários, de emoções provocadas por uma leitura ou audição de uma sessão de histórias constitui, também, uma necessidade premente, deste mundo globalizado. É pensando nisso que muitos contadores de histórias estão entrando em sala de aula, trabalhando em prol da democratização do acesso aos textos literários e populares, viabilizando aos estudantes a possibilidade de ampliação da sua capacidade de ouvir, ler, interpretar e narrar histórias.

O conhecimento desenvolvido por meio da arte cênica essencial para contar histórias é uma teia de possibilidades, ideias e criatividades interconectadas que atravessam vários domínios, criando novas maneiras de "aprender" e "apreender" o mundo que está contido nas histórias, contextualizando-o com o momento histórico vivido pelo contador e pelo público que compartilha a história.

Na atuação da escola no projeto de incentivo à leitura, no trabalho de formação de contadores de histórias, deve-se levar em conta o estudante como um corpo que não está programado para simplesmente imitar. Pelo contrário, o estudante deve ser incentivado a explorar sua criatividade, espontaneidade, rompendo, dessa forma, com as limitações vivenciadas, descobrindo novas maneiras de fazer-se entender por meio de seus gestos.

Wallon (2003) aponta a existência da relação de dependência entre a emoção e a postura do corpo, quando explica o processo de transformação do riso em choro. Portanto, os efeitos da emoção sobre o corpo do contador de histórias vão desde a aceleração do pulso ou do coração à contração da face e dos membros que podem interferir positiva ou negativamente na composição da história ou na sua apresentação para o público.

Nesse sentido, é fundamental a busca de equilíbrio nas situações em que o contador de histórias percebe que a emoção está para explodir de tal forma que há a necessidade de uma ação de racionalização que, associada à emoção, dê um toque de harmonia e equilíbrio àquele determinado momento. Podemos inferir, então, que para Wallon (2003), o grande desafio experienciado pelo contador de histórias é conseguir manter o equilíbrio entre a razão e emoção, no momento da apresentação para o público.

Portanto, a afetividade se constitui num domínio tão essencial quanto a inteligência para o desenvolvimento do contador de histórias, sendo um elo fundamental para a construção do conhecimento, nessa área do conhecimento artístico tão essencial e ao mesmo tempo tão complexo.

O objetivo do trabalho com a contação de histórias é possibilitar aos estudantes um importante momento para refletir sobre seus conceitos, seu corpo, o corpo do outro e a inter-relação desses corpos com o mundo, permitindo, também, o favorecimento da cultura de valorização da leitura.

É fundamental ouvir histórias que possibilitem a percepção do mundo em que vivemos, em especial, os sons e os silêncios do mundo, além daqueles sons e silêncios que podemos produzir com nossa voz, nosso corpo ou com materiais diversos. A descoberta da possibilidade de brincar com os sons, se dá independentemente de habilidades musicais específicas, porém é sempre bom ter certeza de que a afinação do contador é suficiente para não desgostar os ouvidos do público de tal forma que tire a atenção da história, ou até mesmo o expectador do ambiente da contação. *"O texto oral não dá tudo pronto para o ouvinte (ou leitor) pelo menos um bom texto. Por isso o ouvinte adquire uma função ativa na narração: ele tem que ir preenchendo os vazios que a narração vai deixando" (Sisto, 2001, p. 125)*

É importante ressaltar que a emoção, a liberdade de criação, a expressão corporal, o equilíbrio entre a emoção, a racionalização e a contextualização são os elementos facilitadores da construção e do fortalecimento da identidade do contador de histórias, da elevação de sua autoestima, da construção de seu estilo.

O Projeto de Incentivo à Leitura, realizado pelo Programa de Extensão - Grupo GWAYA – Contadores de Histórias/UFG em parceira com o Centro de Estudos e Pesquisa "Ciranda da Arte"/ "Ciranda dos Contos – Grupo de Contadores de Histórias/Seduc-Go, vem sendo desenvolvido desde 2007. Tal parceria tem como objetivo solidificar a formação de professores da rede estadual de ensino, na linguagem da arte cênica essencial para contar histórias, com metodologia que objetiva a formação de leitores, por meio dos cursos de formação de novos contadores de histórias: "Contar histórias - uma arte milenar" e "Contando, Re-contando e Escrevendo Histórias".

A realização destes cursos de formação tem propiciado um contato mais direto dos Grupos Ciranda dos Contos e Gwaya – Contadores de Histórias/UFG com professores de cidades do interior do Estado de Goiás, abrindo um leque de abrangência da atuação artística e pedagógica do trabalho realizado por ambos os grupos, que possibilitaram que tal arte fosse trabalhada, pelos professores, com o objetivo precípuo de fomentar a formação de leitores, nas turmas onde atuam, independentemente, da disciplina que lecionam, ou nível de ensino que atuam.

Uma das grandes realizações do Grupo Ciranda dos Contos – Contadores de Histórias - foi iniciar sua produção intelectual com a participação efetiva na publicação da obra "A Contação de Histórias no Espaço Escolar – desafios e possibilidades contemporâneas". Tal livro foi publicado em uma coleção, conjuntamente, com os livros das linguagens integrantes da área de arte, a saber: artes visuais, dança, teatro, música e contação de histórias, coleção essa que foi coordenada pela professora Edvânia Braz Teixeira Rodrigues e publicada pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás.

Tal publicação teve a tiragem inicial de 4000 exemplares, de cada uma das linguagens acima citadas, sendo distribuída para as bibliotecas das unidades escolares, contribuindo efetivamente para os estudos e as reflexões sobre a arte no espaço escolar, incluindo nesse movimento a arte de contar histórias.

No que concerne à Contação de Histórias tal produção acadêmica projeta seu foco no estudante dos diversos níveis e modalidades de ensino, para fortalecer seus processos identitários, capacitando-o a interpretar criticamente o mundo, ao fazer, ao contextualizar e ao compreender a arte literária e nesse processo ser capaz de interpreta-la cenicamente.

> Considerar a literatura arte auditiva é um dos caminhos que nos permitem compreender o processo tradutório que possibilita ao leitor perceber o corpo cultural do contador de histórias inscrito na narração performática dos textos. (MOREIRA, 2005.)

Verifica-se, assim, uma nítida descoberta/aceitação da arte cênica essencial para contar histórias como campo de conhecimento e como cultura, que pode ser também demonstrada através dos dados quantitativos demonstrado na tabela que se segue que dizem respeito à formação de novos contadores de histórias dentre os professores da Rede Estadual de Ensino de Goiás.

> (...) do ponto de vista da produção cultural, a arte de contar é uma prática ritualística, um ato de iniciação ao universo (...) e tal prática e ato são, sobretudo, um gesto de prazer, pelo qual o mundo real dá lugar ao momento do meramente possível que, feito voz, desengrena a realidade e desata a fantasia. (PADILHA, 2002)

Tabela 1. Tabela demonstrativa da quantidade de professores da rede estadual de ensino formados nos cursos oferecidos pelo grupo gwaya, no período de 2007/2012.[1]

Ano	Subsecretaria Regional de Ensino Atendida	Quantidade de Turmas	Quantidade de Cursistas
2007	Metropolitana	02	52

[1] É importante salientar que os cursistas citados nessa tabela são aqueles que tiveram 90% de frequência nos encontros presenciais, apresentaram um projeto de incentivo à leitura, desenvolvido com seus alunos e fizeram o estágio.

2008	Anápolis	02	45
	Inhumas	01	23
	Piracanjuba	01	25
	Silvânia	01	28
	Trindade	01	22
	Metropolitana	02	44
2009	Pires do Rio	01	31
	Iporá	01	30
	Itaberaí	01	26
	Goianésia	01	22
	Uruaçu	01	27
	Palmeiras	01	25
	Metropolitana	02	34
2010	Anápolis	01	23
	Silvânia	01	29
	Metropolitana	02	39
2011	Metropolitana	01	28
2012	Itapuranga	01	32
Totais		24	585

Fonte: Centro de Estudos e Pesquisa "Ciranda da Arte"/Ciranda dos Contos/Seduc-Go

O projeto de incentivo à leitura por meio da formação de novos contadores de histórias, no âmbito da rede estadual de ensino de Goiás apresenta como objetivos:

- Promover o incentivo a leitura por meio da fruição da literatura desenvolvida no processo de formação de novos contadores, ou seja, futuros disseminadores de conhecimento literário;
- Iniciar e/ou ampliar discussões teóricas e exercícios práticos de comunicação que envolva a arte cênica essencial para contar histórias, fornecendo subsídios, por meio de atividades lúdicas, de estudo e de reflexão, que possibilitem aos cursistas se *descobrirem* contadores de histórias e se sentirem motivados a atuar como tal, em vários espaços sociais, prioritariamente no âmbito escolar.
- Possibilitar a vivência do palco durante a realização do curso e do estágio realizado ao final do curso.

Os conteúdos trabalhados na realização do curso abrangem os seguintes temas:

- A arte cênica essencial para contar histórias: objetivos, características e possibilidades;
- Tipos de narrativas e estrutura dos contos;
- Recursos utilizados pelos contadores de histórias e a caracterização de personagens;
- Memorização e a contação de histórias;
- Contação de Histórias e brinquedos cantados;
- A relação estabelecida entre o contador, o autor e o público, no ato cênico da contação de histórias;
- Contação de Histórias, dinâmicas, músicas e outros recursos;
- Por que não criar narrativas e contar histórias a partir de livros de imagens?;
- A Contação de Histórias em projetos educativos, sala de aula, espaços de convivência social;
- Preparação da sessão de histórias a ser apresentada no momento do Estágio realizado em uma escola pública.

Efetivando-se um levantamento nos relatos de experiência dos integrantes do Gwaya que participam desse projeto podemos perceber que:

- Tal experiência vivida dá a condição de defender que para ser um contador de histórias convincente é necessário ler, ler muito, muitos livros, jornais, revistas, folhetins; é esperada do contador de histórias também, uma preocupação com a melhoria dos seus conhecimentos gerais; para tanto, é necessário que se prestigie e frua das diversas linguagens artísticas, é importante apreciar obras artísticas de pintores, escultores;

dançarinos e bailarinos, que vá ao teatro, que aprecie as diferentes linguagens artísticas, mesmo aquelas que não fazem parte do mundo particular, do contador.

- Essa prática contribui para a ampliação de horizontes, possibilitando reflexões e o acesso à cultura de diversos locais, enfim uma melhor educação estética. É preciso também estar atento à natureza e às pessoas que o cercam; isso ampliará a capacidade de observação do contador, capacidade esta tão importante para a construção dos personagens e contextos das histórias que conta.
- A cada contato com diferentes textos, de diferentes gêneros e de diferentes autores vai se delineando a sua forma particular de escolha das histórias para se contar. Esta escolha é caracterizada pela identificação daquela que mais o agradou ao leitor/contador e que despertaram suas emoções ao ponto de desejar compartilhar aquela história com o público. Portanto, espera-se nesta busca escolher um repertório de textos que o contador realmente gostou de ler em que se identifica a possibilidade de também gostar de contar e que tenha indícios de que o público, também, irá gostar de ouvir da forma que a preparou para ser compartilhada.
- Se a pessoa interessada em contar histórias quiser fazê-lo e não deseja passar por constrangimentos frente ao público, deve estudar antes o texto, efetivando releituras aprofundadas da narrativa que se deseja apresentar ao público, desvendando cada característica particular, de cada um dos personagens, entendendo o ponto de vista do narrador da história, num processo de geração de autoconfiança; pois, contar histórias constitui-se na forma de expressão e exposição da interpretação pessoal do contador, da história lida e narrada respeitando a autoria do texto, portanto memorizada e internalizada, com autoconfiança e construção intencional e interpretada dos personagens e do narrador da história. Tal autoconfiança não é menos necessária mesmo em se tratando de histórias da cultura oral, pois nesse caso há que se conhecer o roteiro e a estrutura do enredo para recheá-lo com as palavras do contador.
- A autoconfiança é um progresso mental. Aos poucos, quanto mais se conhece a história, a potencialidade de interpretação e representação do contador aumenta, os gestos surgem naturalmente expressando os sentimentos e os timbres requeridos à voz para caracterizar cada personagem e o narrador da história ficam mais definidos, consequentemente mais autoconfiança será gerada. Isso exige certo esforço e certo controle mental e emocional que tem como resultado nesse processo, certa liberação dos medos e superação da timidez.
- Assistir às apresentações de outros contadores de histórias que na sua avaliação e do público em geral são considerados bons contadores poderá ensinar muito, ao contador iniciante, não na perspectiva da mera imitação, mas na percepção dos caminhos adotados por aqueles contadores experientes, para se fazer chegar, se aproximar do público e conseguir com que o público entenda se identifique e curta a história que está ouvindo.
- Escrever a história ou lê-la em voz alta, várias vezes, rabiscá-la, fazer anotações daquilo que pensou em dar ênfase, identificar e trabalhar as emoções, os gestos, as "caras e bocas" de cada personagem são indícios de que se está aprofundando o conhecimento do enredo, quanto mais se estuda, menos medo se tem de contar a história publicamente.
- O estudo é um excelente apoio para quem quer vencer a timidez inicial que é expressa muitas das vezes pelo medo de falar em público, pela gagueira, pela repetição de palavras ou expressões que denotam vícios de linguagem. Todo esse processo deve culminar com a memorização do texto da história, as emoções, os gestos e as expressões faciais que serão utilizadas para apresentá-la.
- O treinamento das expressões faciais e corporais pode ser auxiliado pelo ensaio realizado diante do espelho, fazer algumas caretas, sendo o mais desenvolto possível, ou na experimentação dessas expressões no grupo de sua vivência cotidiana observando-se as reações que provocam, analisando-as e tomando decisões de manutenção ou não de cada expressão facial ou corporal, pensada para cada cena que compõe a narrativa.
- Estudar sempre a história, mesmo que já esteja memorizada, trabalhada e ensaiada e, já fora apresentada inúmeras vezes, antes de apresentá-la ou reapresenta-la ao público, isso poderá propiciar a descoberta de elementos novos dentro daquela mesma história, ou até

mesmo evitar o esquecimento de algum trecho do texto que fatalmente prejudicaria a sua apresentação ao público.

Finalmente é importante ressaltar que o êxito desse projeto advém do apoio incondicional dos integrantes do Gwaya – Contadores de Histórias/UFG que tem suas atividades profissionais cotidianas desenvolvidas no âmbito da escola pública: municipal e estadual e em Universidades: UFG, UEG e Unievangélica; e também do Grupo Ciranda dos Contos que atuam diretamente com a formação continuada dos professores da Rede Estadual de Ensino, podendo, desta forma, colocar em prática as reflexões, estudos e debates desenvolvidos no interior dos grupos, o que pode ser avaliado como um avanço no campo de atuação desses grupos de contadores de histórias, uma vez que tem a oportunidade de compartilhar solidariamente sua aprendizagem nos espaços de atuação profissional de seus integrantes.

> O narrador – por mais familiar que este nome nos soe – de modo algum conserva viva, dentro de nós a plenitude de sua eficácia. Para nós ele já é algo distante e que ainda continua a se distanciar. (...) Esta distância e este ângulo nos são prescritos por uma experiência que quase todo dia temos ocasião de fazer. Ela nos diz que a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. E cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (BENJAMIN, 1983).

Assim sendo, a troca de experiências é a metodologia básica do trabalho do Grupo Gwaya-Contadores de Histórias/UFG buscando garantir essa faculdade inalienável de poder contar e ouvir as histórias que nos cercam cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES & RODRIGUES. *Cultura, Arte e Contação de histórias.* In: SEE/GO. *Contação de HISTÓRIAS:* uma METODOLOGIA de incentivo á LEITURA. Edvânia Braz Teixeira Rodrigues, Silmara Ferreira Antunes, (orgs). Goiânia: SEE/GO, 2007.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.* Chapecó: Argos, 2001.

BENJAMIM, Walter. O narrador In: Walter Benjamin – Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GALVÃO, Izabel; HENRI Wallon. *Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil.* 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PADILHA, Laura Cavalcante. Novos Pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-lusobrasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Memória de Letras)

MOREIRA, Terezinha Taborda. O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005.

RODRIGUES, Edvânia Braz T. (org). A Contação de Histórias no Espaço Escolar – desafios e possibilidades contemporâneas. Goiânia, Seduc Go, 2009.

MINI BIOGRAFIA



Edvânia Braz Teixeira Rodrigues (vanybraz@gmail.com)

Licenciada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de Goiás, Mestre em Educação Escolar Brasileira, pela Faculdade de Educação da UFG, Professora Adjunto da Universidade Federal de Goiás. Ex Diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG; Ex Superintendente de Desenvolvimento e Avaliação da Secretaria de Estado da Educação de Goiás; e atualmente, atua como Secretária Municipal de Educação de Senador Canedo – Go, Escritora de Literatura Infanto Juvenil e Coordena o Grupo Gwaya – Contadores de Histórias – UFG.
Link para Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4791164J6